

A água (que ninguém vê) na guerra

Ana Echevengúá*

Para além das manchetes do conflito do Oriente Médio, há uma batalha pelo controle dos limitados recursos hídricos na região. Embora a disputa entre Israel e seus vizinhos se concentre no modelo terra por paz, “há uma realidade histórica de guerras pela água” – tensões sobre as fontes do Rio Jordão, localizadas nas Colinas de Golã, precederam a Guerra dos Seis Dias.

Raymond Dwek – *The Guardian*, 24 de novembro de 2002¹

A nossa sobrevivência na Terra está ameaçada. Sem alimento, o ser humano resiste até 40 dias; sem água, morre em 3 dias. Somos água! Mas, enquanto a população se multiplica e a poluição recrudescer, as fontes de água desaparecem.

Na guerra do momento – Israel em Gaza –, por que a mídia não fala sobre a água, um dos itens mais importantes dos conflitos no Oriente Médio?

Oriente Médio... uma região onde água vale mais do que petróleo... E sempre nos passam a ideia de que lá as guerras ocorrem pela conquista das reservas de petróleo.

E a conquista das reservas de água? Em 1997, o então vice-diretor geral da Unesco, Adnan Badran, no seminário *Águas transfronteiriças: fonte de paz e guerra* (que centrou os debates nas águas do Mar Aral, do Rio Jordão, do Nilo...) afirmou que “a água substituirá o petróleo como principal fonte de conflitos no

mundo”. Embora Israel tenha sérios problemas com recursos hídricos, detém o controle dos suprimentos de água, tanto seus como da Palestina.

Além de restringir o uso da água, luta pela expansão do seu território para obter mais acesso e controle deste recurso natural. Ali, Israel é “dono” das:

– águas superficiais: bacia do Rio Jordão (incluindo o alto Jordão e seus tributários), o Mar da Galiléia, o Rio Yarmuk e o baixo Jordão;

– águas subterrâneas: dois grandes sistemas de aquíferos: o aquífero da Montanha (totalmente sob o solo da Cisjordânia, com uma pequena porção sob o Estado de Israel), aquífero de Basin e o aquífero Costeiro que se estende por quase toda faixa litorânea israelense até Gaza.

Tais águas são “transfronteiriças”, recursos naturais compartilhados. Segundo recente

* Ana Echevengúá é uma atuante advogada ambientalista. Não mede esforços para colaborar na construção de um mundo melhor para esta e para as futuras gerações. Para isso, procura sempre informar, de forma segura, sobre os direitos e deveres de cada um. <http://www.ecoeacao.com.br>

¹ <http://jbonline.terra.com.br/jb/papel/internacional/2002/11/23/jorint20021123004.html>

inventário da Unesco, 96% das reservas de água doce mundiais estão em aquíferos subterrâneos, compartilhados por pelo menos dois países. Há regras internacionais para o uso dessas águas, e algumas delas obrigam Israel a fornecer água potável aos palestinos.

Mas Israel não compartilha a água, afinal, tais regras internacionais não preveem mecanismos de coação ou coerção, é letra morta. O Tribunal Internacional de Justiça condenou, até hoje, apenas um caso relacionado com águas internacionais.

A estratégia de Israel é outra. Em 1990, o jornal *Jerusalém Post* publicou que *“é difícil conceber qualquer solução política consistente com a sobrevivência de Israel que não envolva o completo e contínuo controle israelense da água e do sistema de esgotos, e da infraestrutura associada, incluindo a distribuição, a rede de estradas, essencial para sua operação, manutenção e acessibilidade”*.

Palavras do ministro da Agricultura israelense sobre a necessidade de Israel controlar o uso dos recursos hídricos da Cisjordânia por meio da ocupação daquele território.

O Acordo de Paz de Oslo de 1993, por exemplo, estipulou que os palestinos deveriam ter mais controle e acesso à água da região.

Nessa época, segundo o professor da Hebrew University, Haim Gvirtzman, dos 600 milhões de metros cúbicos de água retirados anualmente de fontes na Judeia e Samaria, os israelenses utilizavam quase 500 milhões, satisfazendo cerca de um terço de suas necessidades hídricas. Para ele, isso gerou um “direito adquirido sobre a água”. Questionado sobre o acesso palestino à água, o professor respondeu que *“Israel deve somente se preocupar com um padrão mínimo de vida palestino, nada mais, o que significa suprimento de água para eles*

só para as necessidades urbanas. Isso chega a cerca de 50/100 milhões de metros cúbicos por ano. Israel é capaz de suportar essa perda. Portanto, não deveríamos permitir que os palestinos desenvolvessem qualquer atividade agrícola, porque tal desenvolvimento virá em prejuízo de Israel. Certamente, nunca permitiremos aos palestinos suprir as necessidades hídricas da Faixa de Gaza por meio do aquífero montanhoso. Se purificar a água do mar é uma solução realista, então deixemos que o façam para as necessidades dos residentes da Faixa de Gaza”.²

E na guerra pela água vale tudo: os israelenses bombardeiam tanques de água, grandes ou pequenos (muitas vezes construídos nos telhados das casas), confiscam as bombas d'água, destroem poços, proíbem que explorem novos poços e novas fontes de água (a Cisjordânia, em 2003, contava com cerca de 250 fontes ilegais e a Faixa de Gaza, com mais de 2 mil). Israel irriga 50% das terras cultivadas, mas a agricultura na Palestina exige prévia autorização.

Então, o furto de água das adutoras de Israel é comum naquela região. A regra do jogo é esta: enquanto o palestino não tem acesso à água para beber, o israelense acostumou-se ao seu uso irrestrito.

Sendo assim, é possível imaginar outra forma de divisão ou de uso compartilhado desses recursos hídricos para os próximos anos? É possível imaginar a sobrevivência de qualquer Estado, e, nesse caso, da Palestina, sem o controle efetivo do acesso e da distribuição dos recursos hídricos que necessita?

A posse da água é questão antiga. Britânicos e franceses no Oriente Médio definiram as fronteiras (em especial da Palestina) ambicionando as águas da bacia do Rio Jordão. Desde

² Do livro de Noam Chomsky, *Novas e Velhas Ordens Mundiais*, São Paulo, Ed. Scritta, 1996.

1948, Israel prioriza projetos, inclusive bélicos, para garantir o controle de água na região. Dentre os quais:

– a construção do Aqueduto Nacional (*National Water Carrier*);

– em 1967, anexou os territórios palestinos de Gaza e Cisjordânia e tomou da Síria as Colinas de Golã, ricos em fontes de água, para controlar os afluentes do Rio Jordão. Sobre esta guerra, Ariel Sharon afirmou que a ideia surgiu em 1964, quando Israel decidiu controlar o suprimento de água;

– em 2002, a construção do “muro de segurança” viabilizou o controle israelense da quase totalidade do aquífero de Basin, um dos três maiores da Cisjordânia, que fornece 362 milhões de metros cúbicos de água por ano. Segundo Noam Chomsky, *“o muro já abarcou algumas das terras mais férteis do lado oriental. E, o que é crucial, estende o controle de Israel sobre recursos hídricos críticos, dos quais Israel e seus assentados podem apropriar-se como bem entenderem...”*³. Antes do muro, ele já fornecia metade da água para os assentamentos israelenses. Com a destruição de 996km de tubulação de água, agora falta água para

beber para a população palestina do entorno do muro;

– antes de devolver (simbolicamente) a Faixa de Gaza, Israel destruiu os recursos hídricos da região. E, até hoje, não há infraestrutura hídrica nas regiões palestinas.

Quantos falam a respeito disso?

Em 2003, na 3ª Conferência Mundial sobre Água, em Kyoto, Mikhail Gorbachev bateu na tecla dos conflitos mundiais pela água: contabilizou, na época, 21 conflitos armados que objetivam apropriação de mais fontes de água; destes, 18 ocorreram em Israel.

Gestão conjunta, consumo igualitário de água, ética e consenso na água – palavras bonitas no papel, nas mesas de negociação e na mídia. Na prática, é utopia.

O que a ONU e os donos do planeta estão esperando para exigir que Israel cumpra as regras internacionais sobre águas mesmo que estas contidas em convenções, acordos, declarações (e outras tolices)?

Quem terá coragem de criar regras claras e objetivas para punir a violação dos direitos dos povos e nações à sua soberania sobre seus recursos e riquezas naturais? ●

³ http://www.galizacig.com/actualidade/200403/portoalegre2003_muro_humilhacao_e_roubo.htm